

# Resenha

## *Book Review*

**Traduzir, interpretar e a (im)possível literalidade:** Resenha crítica de *Ilustrações da Lógica da Ciência*, de Charles Sanders Peirce. Tradução e introdução de Renato Rodrigues Kinouchi. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

***Translating, interpreting, and the (im)possible literality:*** Critical review of the Brazilian translation of Peirce's *Illustrations of the Logic of Science* (Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008), with an introductory essay, by Renato Rodrigues Kinouchi.

**Cassiano Terra Rodrigues**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP  
ctrodrigues@pucsp.br

A história da acolhida do pensamento de Charles Sanders Peirce no Brasil ainda está por ser contada. Muitos elementos devem ser considerados para se contar essa história. Significativo é o fato de Peirce, apesar de pouquíssimo traduzido no Brasil, ter influenciado fortemente certas áreas do pensamento brasileiro: diretamente, a poesia concreta e a teoria da comunicação, com sua semiótica; indiretamente, a educação, por meio da difusão outrora muitíssimo forte das idéias de John Dewey e, mais recentemente, com a divulgação do programa de filosofia para crianças e a idéia de “comunidade de investigação” de Matthew Lipman. No entanto, ao mesmo tempo que essas influências contribuíram para divulgar certas idéias do autor, elas mesmas também contribuíram com uma carga de preconceitos e desconfianças, que só ultimamente parece estar acabando, tamanha a tacanhice de certas camadas da *intelligentsia* brasileira. O pouco espaço dedicado ao estudo da obra de Peirce nos departamentos de filosofia nacionais durante este primeiro século de academia filosófica brasileira<sup>1</sup> é sinal disso – sintoma de ideologias preconceituosas com relação a um filósofo nascido nos Estados Unidos da América, reputado *a fortiori* representante do pior positivismo e da pior ideologia do capitalismo que de lá se exporta ao resto do mundo (como se a França, por exemplo, não fosse capitalista ou imperialista; ou como se nos Estados Unidos não fosse possível o “pensamento crítico” – expressão, aliás, vaguíssima). Um capítulo decisivo nessa história é o das poucas traduções de seus escritos – raras são as bem-sucedidas, abundam as de qualidade duvidosa (para usar uma expressão eufemística).

---

1 Isso porque neste ano de 2008 o curso de filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo completa exatos 100 anos, constituindo-se, até notícia em contrário, como o curso superior de filosofia em exercício contínuo mais antigo do país. Obviamente, com esta afirmação não pretendemos dizer que este curso da PUC-SP foi também berço de todos os demais, o que seria absurdo.

Este é o ponto que nos interessa. As traduções de Peirce no Brasil começaram a se renovar neste ano, com a publicação, pela editora Idéias & Letras, de Aparecida, São Paulo, da série intitulada *Illustrations of the Logic of Science*, ora apresentada em português como *Ilustrações da Lógica da Ciência*, na tradução do professor Renato Rodrigues Kinouchi, da Universidade Federal do ABC. Trata-se da primeira tradução de Peirce publicada no Brasil, com escritos inéditos, após mais de 25 anos. Com efeito, a última tradução de Peirce no Brasil, feita por Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum, foi publicada em 1980, na segunda edição da coleção *Os Pensadores* (então um grande acontecimento editorial). Essa publicação jamais conheceu reedição ou reimpressão, ao contrário de outros volumes da mesma coleção. Infelizmente, se a tradução é deficiente, a edição é mais ainda: supressão de parágrafos inteiros, escolha de textos muito pouco criteriosa, opções de tradução, segundo nosso juízo, inteiramente equivocadas. Ainda que se louve a iniciativa, os defeitos superam em larga medida as qualidades. O mesmo pode ser dito do volume *Semiótica*, publicado pela editora Perspectiva, que junta sob a mesma rubrica escritos sobre semiótica, fenomenologia, método científico, metafísica, traduzidos por José Teixeira Coelho Neto. Ressalva seja feita à tradução publicada pela editora Cultrix e pela EDUSP, feita por Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg, que, num projeto editorial menos ambicioso, tenta uma seleta mais cuidadosa de textos, mas que, hoje, além de parecer ter envelhecido mal, mostra-se muito pequena diante do crescimento do interesse em Peirce e nas raízes do pragmatismo. Dessas três, a única que ainda se encontra no mercado é a da editora Perspectiva.<sup>2</sup> Há também uma tradução feita por António Machuco Rosa, publicada em Portugal pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, intitulada *Antologia Filosófica*. Lamentamos, no entanto, o fato de os livros editados em Portugal serem tão caros e tão raros no Brasil que mal podemos considerá-los parte do nosso mercado.

A tradução do professor Kinouchi apresenta, pela primeira vez no país, a preocupação de publicar uma série completa de artigos de Peirce, tal como foram pensados e publicados pelo autor quando vivo. Os artigos são “A fixação da crença”, “Como tornar nossas idéias claras”, “A doutrina dos acasos”, “A probabilidade da indução”, “A ordem da natureza” e “Dedução, indução e hipótese”. Esses artigos foram originalmente publicados no periódico mensal de divulgação científica *Popular Science* (publicado nos EUA até hoje) entre novembro de 1877 e agosto de 1878. Desses seis artigos, os dois primeiros estão entre os mais lidos de Peirce e contêm as bases primeiras do pragmatismo – é ao segundo deles que William James remete, em 1898, na sua segunda conferência sobre o pragmatismo, como o *locus classicus* de nascimento da doutrina, ainda que o próprio Peirce não tenha, ali, cunhado o termo “pragmatismo”, tampouco pretendido criar alguma “doutrina filosófica”.<sup>3</sup> Na verdade, o que aparece ali enunciado é um princí-

<sup>2</sup> A tradução da Cultrix-EDUSP teve segunda edição em 1975.

<sup>3</sup> Na verdade, W. James escreve, em 1898, que Peirce já enunciara “o princípio do pragmatismo” por volta de 1872, no Clube Metafísico de Cambridge. Para essa história, remetemos a Max Fisch, na sua introdução ao volume 2 da edição cronológica dos Writings de Peirce, p. XXIX-XXXVII; cf., ainda, do mesmo autor, “A chronicle of pragmatism, 1865-1879” e “Philosophical clubs in Cambridge and Boston”, em Peirce, *Semeiotic, and Pragmatism*, p. 114-136 e 137-170, respectivamente, e “Was There a

pio metodológico de esclarecimento conceitual, posteriormente chamado por Peirce de “máxima do pragmatismo”<sup>4</sup>.

Aqui, não nos deteremos na apresentação das idéias de Peirce em cada artigo. Para tanto, remetemos o leitor à claríssima e utilíssima introdução escrita pelo professor Kinouchi, que apresenta a temática geral da série de artigos, bem como analisa cada um deles, de maneira simples, direta e com rigor acadêmico que se destaca no quadro das recentes publicações brasileiras sobre filosofia. O trabalho do professor Kinouchi mostra pelo menos duas coisas: para ser inteligente não é preciso ser obscuro; e que não é preciso, para aliar clareza e rigor, recorrer a didatismos utilitaristas ou fórmulas prontas próprias de certas publicações, ultimamente muito em voga, que, pretensamente filosóficas, na verdade mais parecem manuais de auto-ajuda. Como o próprio Peirce dizia, botequins filosóficos encontram-se em qualquer esquina; aqui, o leitor encontrará um trabalho sério de apresentação e interpretação filosóficas.

Então, comentaremos apenas algumas opções de tradução do professor Kinouchi, às quais temos de fazer certas ressalvas.

### Perdas e ganhos

A tradução do professor Kinouchi é inegavelmente resultado de sério trabalho acadêmico. Mas, como toda tradução, traz certo grau de arbitrariedade e está sujeita a várias perspectivas. Por um lado, traduzir é trair, como diz certo adágio muito conhecido. Por outro, pode-se dizer, com Paul Valéry, que toda obra anseia por ser traduzida. Em todo caso, todo tradutor anda no fio da navalha entre a transposição de um idioma para outro, de uma forma para outra. É claro que a literalidade total é impossível. Contudo, em filosofia, não se pode prescindir, segundo nosso juízo, de dois preceitos gerais: deixar o texto original “falar” e respeitar, tanto quanto possível, as opções de vocabulário do autor traduzido. É claro que esses preceitos são vagos. Mas vejamos.

Como se trata de uma primeira edição, alguns erros tipográficos ainda precisam ser corrigidos. Como exemplo, citamos as grafias incorretas de dois nomes próprios: Lambert Adolphe Jacques Quételet (1796-1874) tem seu nome grafado *Quatelet*, à página 93; e Augustus De Morgan aparece como *Augustos*, à página 117.

Outros detalhes de mesma natureza talvez sejam mais importantes. O texto utilizado como base para a tradução foi publicado no primeiro volume, de 1992, da coletânea *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*, organizada por Nathan Houser

Metaphysical Club in Cambridge?”, em *Studies in the Philosophy of Charles Sanders Peirce*, editado por Edward C. Moore e Richard S. Robin, p. 3-32; Louis Menand, *The Metaphysical Club – A story of ideas in America*; John Shook, “The Metaphysical Club”, URL: [http://www.pragmatism.org/history/metaphysical\\_club.html](http://www.pragmatism.org/history/metaphysical_club.html), acessado em 13/3/2008. Sobre a apropriação do princípio de Peirce por James, cf., por exemplo, Cornelis De Waal, *Sobre Pragmatismo*, cap. 3: “James: pragmatismo e vontade de acreditar”. Referências bibliográficas completas e sistema de citações de Peirce ao final deste artigo.

<sup>4</sup> Cf., por exemplo, a primeira das conferências pronunciadas por Peirce em Harvard, em 1903: “The maxim of pragmatism” (EP 2: 133-144; CP 5.14-40).

e Christian Kloesel, integrando o trabalho realizado pelo *Peirce Edition Project*, de publicação das obras de Peirce em ordem cronológica e segundo critérios de preparação dos manuscritos muito mais confiáveis do que os utilizados para os *Collected Papers*<sup>5</sup>, entre 1931 e 1958, ainda hoje a maior e mais utilizada edição dos escritos de Peirce. O tradutor, portanto, pôde se valer de um texto estabelecido e de um aparato de notas muito mais bem organizado, ao que os tradutores anteriores não tiveram acesso. No entanto, no texto da tradução não aparecem várias ênfases que constam do texto em inglês. Isso pode parecer de pouca monta, mas, conforme nos dizem os editores do *Peirce Edition Project*, uma parte não desprezível do esforço está em reproduzir na página impressa o que Peirce escreveu, da maneira como escreveu. Peirce era metuculooso nos seus manuscritos, utilizando várias cores, diferentes tipos de tinta, de letra e de sublinhas para dar modulações à escrita. Reproduzir essa miríade de signos numa edição impressa custa caro demais – além de que o projeto de edição sofre por não ter acesso direto aos manuscritos originais, guardados a sete-centas chaves pela Universidade Harvard, tendo de trabalhar com cópias reprográficas e microfimes de qualidade nem sempre boa.

Assim, é de se lamentar que a presente edição brasileira não reproduza fielmente o texto da edição do *Peirce Project*, perdendo alguns de seus detalhes. Por exemplo, tomemos duas passagens, a primeira na página 117, e a segunda, na página 118; à direita, o original:

A concepção de probabilidade como uma questão de fato, isto é, como a proporção de vezes em que uma ocorrência de um tipo é acompanhada por uma ocorrência de outro tipo, é chamada pelo Sr. Venn de visão materialista do assunto. [p. 117]

*The conception of probability as a matter of fact, i.e., as the proportion of times in which an occurrence of one kind is accompanied by an occurrence of another kind, is termed by Mr. Venn the materialistic view of the subject. [EP 1: 156; CP 2.673]*

A grande diferença entre as duas análises é que os conceitualistas atribuem probabilidade a um evento, enquanto os materialistas fazem disso uma proporção entre a freqüência de eventos de uma *espécie* e aqueles eventos de um *gênero* sobre aquela *espécie*, e assim dão a isso dois termos ao invés de um. [p. 118]

*The great difference between the two analysis is, that the conceptualists refer probability to an event, while the materialists make it the ratio of the frequency of events of a species to those of a genus over that species, thus giving it two terms instead of one. [EP 1: 157; CP 2.674]*

<sup>5</sup> Ao final de cada volume dos Writings de Peirce, o leitor encontrará um “Essay on editorial method”, explicando cuidadosamente os princípios gerais de edição da coleção e os do volume correspondente. Também no sítio virtual do Peirce Edition Project é possível encontrar informações valiosas. Cf. URL: [http://www.iupui.edu/~peirce/], acessado em 14/3/2008.

Ora, em inglês, as passagens trazem realces (já presentes nos *Collected Papers*) que não foram reproduzidos na tradução; o mesmo acontece com outras passagens, que não reproduziremos aqui (por exemplo, nas páginas 122, 123 e 125 do mesmo artigo, ou na página 52, de “A fixação da crença”). Pode parecer pouco, mas, até onde podemos confiar nos editores dos EUA, as ênfases são do autor; há que se respeitá-las.

Justificaremos essa alegação adiante; ainda no mesmo artigo, há uma passagem que se lê assim:

Then (the questions being always such as are to be answered by yes or no), those in reference to which their answers agree are the same as those which both answer correctly together with those which both answer falsely ...

No entanto, segundo a errata lançada pelo *Peirce Edition Project*<sup>6</sup>, o correto seria:

Then (the questions being always such as are to be answered by yes or no), those in reference to which their answers agree are the same as those which both answer *incorrectly* together with those which both answer falsely ...

Desta vez, o itálico é nosso; a tradução apresenta:

Então (sendo a questão tal que seja respondida por sim ou não), o conjunto das respostas que concordam é igual às respostas corretas para ambas junto com as respostas incorretas para ambas.

Novamente, faltam os itálicos de ênfase; falta também o advérbio *sempre*, e parece que o tradutor não estava atento à errata, pois o correto seria algo como: “o conjunto das respostas que concordam é igual ao daquelas a que ambas respondem incorretamente junto com o daquelas a que ambas respondem falsamente”. Se atentarmos ao contexto do artigo todo, veremos que a tradução, nesse ponto, pode levar a diferentes interpretações do argumento. Assim, entre o leitor e o texto original não se interpõem somente as opções do tradutor, mas também a própria impressão do texto na página, criando mais um nível de opacidade a esconder ainda mais o original. Nesse sentido, também nos parece ser apropriado advertir contra o uso do anglicismo “randômico” [p. 151], ainda mais porque a palavra correspondente em vernáculo nacional – “aleatório” – é usada em outras passagens para traduzir a mesma expressão em inglês, e, como quer dizer a mesma coisa, não há porque variar a tradução.

É claro que, para continuar a falar nesses termos, a transparência total é impossível – ainda que seja exímio conhecedor do idioma original, ao leitor sempre cabe a atividade interpretativa. A questão está em favorecer essa atividade por parte do leitor ao máximo, e não impor a ele cada vez mais restrições quanto ao que consta do original. Nos exemplos discutidos acima, o ponto é que, com a supressão das ênfases gráficas e a assistemática do vocabulário, o leitor ganha a reboque mais uma mudança na

---

<sup>6</sup> Disponível na URL: [<http://www.iupui.edu/~peirce/ep/ep1/errata/errata.htm>]. Acessado em 13/03/2008.

modalidade de enunciação, sem ter como saber se aquelas modulações foram pretendidas ou não pelo autor. Esse ponto reaparecerá adiante; por ora, fica aqui a sugestão, na esperança de que uma segunda edição ou impressão corrija as falhas tipográficas apontadas, dentre outras.

### **Efeitos da interpretação: a máxima do pragmatismo aplicada à tradução**

Neste artigo de 1878, é de capital importância a formulação do princípio que ficou conhecido como máxima pragmática, que, ali, não recebe esse nome, mas é enunciada como princípio metodológico de esclarecimento dos nossos pensamentos, conforme dito explicitamente pelo autor [EP 2: 127]. A discussão gira em torno de como se fixam as crenças. A maneira como Peirce explica o esforço para se abandonar a dúvida e se chegar a uma crença está no cerne de seu pragmatismo – a discussão não pode ser entendida sem referência à teoria da investigação científica apresentada em 1878.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que, para Peirce, o que impulsiona o pensamento é a dúvida. Dúvidas são estados mentais de irritação, que impelem o pensamento na busca de sossego. A crença é o estado de sossego buscado, e tem aspecto duplo: ao mesmo tempo que é um ponto de descanso, também é uma plataforma para novos pensamentos, novas dúvidas, novos movimentos – quando uma nova experiência quebra a estabilidade alcançada, o processo recomeça. Isso porque a crença estabelece um hábito de ação. Agimos de acordo com o que cremos, ou seja, a crença determina o modo da ação; por conseguinte, ações diferentes referem a crenças diferentes, e daqui Peirce tira o seu pragmatismo: para saber o que é que significa uma idéia, temos de atentar aos diferentes modos de ação que ela pode ocasionar. A clareza e a distinção dos conceitos, portanto, não está nos modos em que são concebidos na mente do sujeito pensante, como sustentava toda a filosofia moderna desde Descartes, mas na maneira como nos levam a nos relacionarmos com o mundo exterior, no seu poder de ocasionar ações, numa palavra, no seu modo de manifestação na conduta externa possível. Daí que a ligação entre significado, expressão e ação esteja no cerne do pragmatismo peirciano, desligando-se, dentre outras coisas, de concepções mentalistas ou internalistas da significação.

Vejamos, pois, a formulação da máxima pragmática. Em inglês:

*Consider what effects, which might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then, our conception of these effects is the whole of our conception of the object.* [EP 1: 132]

O professor Kinouchi traduz da seguinte maneira:

Considere-se quais efeitos que concebivelmente teriam atuações práticas, os quais imaginamos que o objeto de nossa concepção possua. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto de nossa concepção do objeto. [p. 73]

Das outras traduções já mencionadas, duas traduzem do texto de 1878, e duas de uma reformulação feita por Peirce em 1905. Compare-se:

*Considerar os efeitos práticos que possam pensar-se como produzidos pelo objeto de nossa concepção. A concepção destes efeitos é a concepção total do objeto.*  
[Armando Mora D'Oliveira, p. 6]

*Considerar que efeitos – imaginavelmente possíveis de alcance prático – concebemos que possa ter o objeto de nossa concepção. A concepção desses efeitos corresponderá ao todo da concepção que tenhamos do objeto.*  
[Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg, p. 59]

**Consider what effects that might conceivably have practical bearing you conceive the object of your conception to have. Then your conception of those effects is the WHOLE of your conception of the object.**  
[Reformulação de 1905. EP 2: 338; CP 4.422]

*Considere quais os efeitos que possivelmente pode ter a influência prática que você concebe que o objeto de sua concepção tem. Neste caso, sua concepção desses efeitos é o TODO de sua concepção do objeto.* [José Teixeira Coelho Neto, p. 291]

*Considere que efeitos concebíveis, com influência prática, você concebe que são possuídos pelo objeto da sua concepção. Então, a sua concepção desses efeitos é a TOTALIDADE da sua concepção do objeto.* [Antônio Machuco Rosa, p. 131]

Comparemos agora como os três principais estudiosos brasileiros de Peirce traduzem a máxima, junto com a tradução de António Fidalgo<sup>7</sup>, de Portugal:

*Considere quais efeitos, que concebivelmente poderiam ter conseqüências práticas, concebemos ter o objeto de nossa concepção. Então, a concepção destes efeitos é o todo de nossa concepção do objeto.* [Ivo Assad Ibrí, em *Kósmos Noctós*, p. 96]

*Considere quais efeitos, que possivelmente podem ter aspectos práticos, imaginamos existir no objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o conjunto da nossa concepção do objeto.* [Lucia Santaella, em “Chaves do pragmatismo peirciano nas ciências normativas”, p. 95]

*Considerem-se quais efeitos, que podem concebivelmente ter conseqüências práticas, que concebemos ter o objeto de nossa concepção. Desse modo, nossa concepção desses efeitos é a totalidade de nossa concepção do objeto.* [Lauro Frederico Barbosa da Silveira, em *Curso de Semiótica Geral*, p. 182]

*Considera quais os efeitos, que podem ter certos comportamentos práticos, que concebemos que o objecto da nossa concepção tem. A nossa concepção dos seus efeitos constitui o conjunto da nossa concepção do objecto.* [António Fidalgo]

Há vários pontos espinhosos na formulação original. O primeiro deles é a sintaxe, que, se em inglês já é estranha, em português fica inevitavelmente rebuscada. Outro ponto é a tradução da expressão “practical bearings”. Uma tradução literal é impossível; num sentido aproximado, quer dizer “relevância prática”, como quando, em inglês, poderíamos retorquir a alguém numa conversa: “What’s the practical bearing of what you are saying to what I argue for?” (numa tradução aproximada: “Qual a relevância prática do

<sup>7</sup> A tradução de António Fidalgo está disponível na URL: [http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-peirce-how-to-make.html]. Acessado em 13/3/2008.

que você diz para o que eu defendo?”). No entanto, não é só esse sentido que se faz presente na expressão de Peirce. Ao relacionar a fixação da crença com o estabelecimento de uma regra de ação, o autor situa a definição da significação das nossas crenças no futuro: o significado dos termos intelectuais depende do curso de ação a ser tomado, ou seja, depende de como eles podem ser usados como normas regulativas de nossa conduta futura. Assim, a expressão “practical bearings” indica o modo possível de manifestação concreta, em acontecimentos empíricos particulares que formos capazes de perceber, dos significados gerais dos nossos conceitos.<sup>8</sup> Assim, não nos parece boa a opção do tradutor português que utilizou “comportamentos práticos”, favorecendo, com isso, associações behavioristas.

Outro ponto a considerar é a insistente repetição do verbo “conceber” e do substantivo “concepção” – quatro vezes em duas linhas, no total. Somente essa insistência já bastaria para advertir ao tradutor que Peirce quer exatamente esta “família de palavras”, e não outra – e isso parece bastar para vetar o uso da família de “imaginar”, que remete, imediatamente, à idéia de uma imagem mental. Por outro lado, a família de “conceber” remete à idéia de *estar prenhe, dar à luz*, depois à de *compreender, entender* e, em sentido figurado, *imaginar*. Ou seja, a idéia de uma imagem mental não é imediata, e esse é o ponto: todo esforço de Peirce sempre esteve focado em dissociar suas idéias de teorias comportamentalistas e mentalistas da significação, já que tais teorias seriam ou nominalistas ou cartesianas, separando substancial e mecanicamente corpo e mente, forma e conteúdo, universal e particular. Atenta talvez a esses pontos, a professora Lucia Santaella reformulou sua tradução da máxima pragmática, da seguinte maneira:

Considere quais efeitos, que concebivelmente teriam aplicações práticas, concebemos que o objeto de nossa concepção tenha. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo da nossa concepção do objeto.<sup>9</sup>

Duas inspirações nos levam a insistir neste ponto. Em seu recente livro *Quase a mesma coisa*, Umberto Eco discute problemas e experiências de tradução de maneira muito interessante. Há ali duas idéias que merecem atenção: primeiro, que há um critério ideal para avaliação de traduções (igualmente ideais) que é o da reversibilidade; diz Eco: “o que me parece importante ter presente por ora é que uma tradução, mesmo errada, permite que se retorne *de alguma maneira* ao texto de partida”<sup>10</sup>. O que está em jogo é o que é que o leitor ganha e o que é que perde com as traduções; segundo esse critério, quanto mais a tradução permitir a literalidade da volta ao original, melhor, menos o leitor terá perdido. Às vezes, quanto menos o leitor ganhar, melhor – como diz Eco, o tradutor deve “evitar enriquecer o texto”, já que “uma tradução que chega a ‘dizer mais’ poderá ser uma obra excelente em si mesma, mas não é uma boa tradução”.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> A respeito da relação entre “practical bearings” e a idéia kantiana de experiência possível, cf. I.A. Ibrí, “Pragmatismo e técnica”, p. 150-151, e “As conseqüências de conseqüências práticas no pragmatismo de Peirce”, passim. Para uma análise da relação entre “efeitos práticos” e “efeitos sensíveis”, expressão usada por Peirce no mesmo artigo, cf. Hookway, “The pragmatist maxim and the proof of pragmatism”, p. 29.

<sup>9</sup> Esta versão encontra-se em O Método anticartesiano de C.S. Peirce, p. 232.

<sup>10</sup> U. Eco, *Quase a mesma coisa*, p. 67.

<sup>11</sup> *Idem, ibidem*, p. 127.

É nesse sentido que buscamos entender outras passagens que consideramos problemáticas na tradução do professor Kinouchi. Além da tradução da máxima pragmática examinada acima, destacamos a seguir somente as que nos pareceram mais problemáticas. Apresentamo-las lado a lado com o original para a avaliação do leitor, como também propostas nossas. A localização em *The Essential Peirce* e nos *Collected Papers* é indicada. Todas as sugestões abaixo têm exclusivamente o propósito de ajudar o leitor a pensar alternativas e, assim, são interpretações da mesma maneira discutíveis:

**Trad. professor Kinouchi**

*Que tenhamos apenas de fazer alguns experimentos grosseiros para registrar resumos dos trabalhos em certos formulários, por via de regra, descartando tudo aquilo que é refutado e pondo por escrito as alternativas; e que assim, em poucos anos, a ciência física ficaria terminada – que idéia! Em verdade, “Ele escreveu sobre ciência tal como um Lorde Chanceler”, como dissera Harvey, um legítimo homem de ciência.* [p. 36]

*Esta é uma expressão apropriada; não significa que concordem com a experiência, mas com aquilo que nos encontramos inclinados a acreditar.* [p. 52]

*As imagens passam rapidamente pela consciência, misturando-se incessantemente umas nas outras, até que por último, quando tudo acaba – o que pode ser numa fração de um segundo, uma hora ou após muitos anos –, decidimos sobre como agir em circunstâncias como aquelas que ocasionaram nossa hesitação.* [p. 68]

*A realidade do real depende do fato de que a investigação, se prolongada suficientemente, está destinada a finalmente levar a uma crença nela.*

**Original**

*“That we have only to make some crude experiments, to draw up briefs of the results in certain blank forms, to go through these by rule, checking off everything disproved and setting down the alternatives, and that thus in a few years physical science would be finished up – what an idea! “He wrote on science like a Lord Chancellor,” indeed.”* [EP 1: 110; CP 5: 361]

*“That is an apt expression; it does not mean that which agrees with experience, but that which we find ourselves inclined to believe.”* [EP 1: 119; CP 5: 382]

*“Images pass rapidly through consciousness, one incessantly melting into another, until at last, when all is over – it may be in a fraction of a second, in an hour, or after long years – we find ourselves decided as to how we should act under such circumstances as those which occasioned our hesitation.”* [EP 1: 128; CP 5: 394]

*“But the reality of that which is real does depend on the real fact that investigation is destined to lead, at last, if continued long enough, to a belief in it.”* [EP 1: 139; CP 5: 408]

**Nossa tradução**

*Que tenhamos somente de fazer alguns experimentos rudes, redigir relatórios dos resultados em certos formulários vazios, ir do começo ao fim deles segundo uma regra, marcando fora tudo o que não tiver prova e estabelecendo as alternativas, e que, assim, em poucos anos a ciência física estaria terminada – que idéia! “Ele escreve sobre ciência como um Lorde Chanceler”, por certo.*<sup>12</sup>

*Essa é uma expressão apropriada; não quer dizer aquilo que concorda com a experiência, mas aquilo a que nos encontramos inclinados a acreditar.*

*As imagens passam rapidamente pela consciência, mesclando-se incessantemente umas nas outras, até que finalmente, quando tudo acaba – pode ser numa fração de um segundo, numa hora, ou após muitos anos – encontramos-nos decididos quanto a como deveríamos agir em circunstâncias como aquelas que ocasionaram nossa hesitação.*

*Mas a realidade daquilo que é real depende do fato real de que a investigação, se continuada tempo o bastante, está destinada, por fim, a levar a uma crença nela.*

<sup>12</sup> Esta é a única passagem que identificamos em que o professor Kinouchi segue o texto estabelecido nos *Collected Papers*, notadamente na última frase; o leitor, porém, não é avisado.

Nas passagens acima, o leitor perde, na tradução do professor Kinouchi, não só modalidades de enunciação, mas também certos significados e conteúdos, *ao mesmo tempo em que ganha outros*. Assim como na tradução por ele feita da máxima pragmática, os efeitos possíveis de serem produzidos pelo original são um tanto diferentes dos efeitos possíveis da tradução – e utilizamos, aqui, a segunda inspiração, que vem do próprio Peirce e sua máxima pragmática: sua ética da terminologia.

Eco lembra muito bem em seu livro que toda tradução é precedida por uma interpretação. Embora nem toda interpretação seja necessariamente uma tradução, certamente toda tradução é uma interpretação (ou pressupõe alguma). Para sustentar sua argumentação, lembra a idéia peirciana fundamental de que a significação de todo signo é dada pela interpretação desse signo por outro. Essa idéia está de acordo com a máxima pragmática, pois, segundo Eco, “o princípio de interpretação estabelece que cada ‘equivalência’ de significado mais ou menos inapreensível, entre duas expressões, só pode ser dada pela identidade de conseqüências que implicam ou implicam”<sup>13</sup>. Assim, segundo Peirce, toda significação [*meaning*] seria fundamentalmente “uma tradução de um signo para um outro sistema de signos”.<sup>14</sup>

Ora, se traduzir implica necessariamente interpretar, qual é o limite das escolhas expressivas do tradutor? Se utilizarmos a máxima pragmática, poderemos dizer que o limite é dado quando, havendo diversas possibilidades expressivas à escolha (como, por exemplo, traduzir-interpretando o “to conceive” do texto de Peirce por “imaginar” ou “aventar” ou “conceber”), os efeitos da tradução para o leitor devem concebivelmente ter os mesmos “practical bearings” que os do original, ou pelo menos, “practical bearings” da mesma família; numa palavra, a tradução deve fazer o leitor pensar *quase a mesma coisa, senão a mesmíssima coisa*, que o original. Em termos mais semióticos, os interpretantes da tradução têm de ser de certa maneira equivalentes aos do original. Ou, como diz Eco, que nos parece resumir a questão de maneira bastante satisfatória:

- i. O significado é dado quando uma expressão é substituída por uma outra da qual decorrem todas as conseqüências ilativas que decorrem da primeira;
- ii. Se não entendem o que quero dizer, pensem no que acontece em um processo cuja laboriosidade é evidente a todos, ou seja, a tradução (ideal) de uma frase de língua a língua, em que se presume ou se exige que da expressão da língua de chegada decorram todas as conseqüências ilativas que decorrem da expressão na língua de origem;
- iii. A tradução de língua a língua é o exemplo mais evidente de como se tenta dizer, com sistemas de signos diversos, a mesma coisa.<sup>15</sup>

Eis a porta de entrada para a ética da terminologia. Pensando na importância de se estabelecer um vocabulário científico que possa servir de base para futuros desenvolvimentos da pesquisa, Peirce afirma que o ideal ético da terminologia científica deve ser resistir às arbitrariedades particulares e alcançar o consenso geral com relação às significações e ao uso de termos e notações. Mas não só. Diz Peirce:

<sup>13</sup> Eco, *op. cit.*, p. 267-268.

<sup>14</sup> Peirce, CP 4.127, *apud* Eco, *id.*, *ibid.*

<sup>15</sup> Eco, *op. cit.*, p. 268-269.

Quanto ao ideal almejado, em primeiro lugar, é desejável para qualquer ramo de ciência que tenha um vocabulário que forneça uma família de palavras cognatas para cada concepção científica, e que cada palavra tenha um único significado exato, a menos que seus diferentes significados se apliquem a objetos de diferentes categorias que nunca possam ser tomados equivocadamente um pelo outro. Para ser certo, esse requisito poderia ser entendido num sentido que o tornaria completamente impossível. Pois todo símbolo é uma coisa viva, num sentido muito estrito que não é simples figura de linguagem. O corpo do símbolo muda vagarosamente, mas seu significado cresce, incorpora novos elementos e bane outros. Mas o esforço de todos deve ser manter a essência de todo termo científico sem mudança e exato; embora a exatidão absoluta não seja muito bem concebível. Todo símbolo é, na sua origem, ou uma imagem da idéia significada ou uma reminiscência de algum acontecimento, pessoa ou coisa individual ligada ao seu significado, ou é uma metáfora. Termos da primeira e da terceira origens inevitavelmente serão aplicados a diferentes concepções; mas se as concepções são estritamente análogas nas suas sugestões principais, isto é mais útil do que o contrário, uma vez que os significados diferentes sempre estão remotamente separados um do outro, tanto em si mesmos, quanto nas ocasiões de sua ocorrência. A ciência está continuamente ganhando novas concepções; e toda nova concepção científica deve receber uma nova palavra, ou melhor, uma nova família de palavras cognatas;] dar essa palavra [deve] ser uma coisa feita [com] um conhecimento completo dos princípios e com uma ampla familiaridade com os detalhes e com a história da terminologia particular em que isso acontecerá, [...] uma compreensão suficiente dos princípios de formação de palavras da língua nacional, [...] um estudo apropriado das leis dos símbolos em geral.<sup>16</sup> [CP 2.220, *Syllabus of Certain Topics of Logic*, 1903]

---

<sup>16</sup> Nossa tradução, cf. original: “As to the ideal to be aimed at, it is, in the first place, desirable for any branch of science that it should have a vocabulary furnishing a family of cognate words for each scientific conception, and that each word should have a single exact meaning, unless its different meanings apply to objects of different categories that can never be mistaken for one another. To be sure, this requisite might be understood in a sense which would make it utterly impossible. For every symbol is a living thing, in a very strict sense that is no mere figure of speech. The body of the symbol changes slowly, but its meaning inevitably grows, incorporates new elements and throws off old ones. But the effort of all should be to keep the essence of every scientific term unchanged and exact; although absolute exactitude is not so much as conceivable. Every symbol is, in its origin, either an image of the idea signified, or a reminiscence of some individual occurrence, person or thing, connected with its meaning, or is a metaphor. Terms of the first and third origins will inevitably be applied to different conceptions; but if the conceptions are strictly analogous in their principal suggestions, this is rather helpful than otherwise, provided always that the different meanings are remote from one another, both in themselves and in the occasions of their occurrence. Science is continually gaining new conceptions; and every new scientific conception should receive a new word, or better, a new family of cognate words. [...] supplying this word [...] [should] be undertaken [with] [...] a thorough knowledge of the principles and a large acquaintance with the details and history of the special terminology in which it is to take a place, [...] a sufficient comprehension of the principles of word-formation of the national language, [...] a proper study of the laws of symbols in general.”

Muito se pode eduzir dessa citação. O leitor poderá conferir nela os principais pontos que vimos reforçando: a necessidade de proximidade, quiçá de exatidão máxima, entre palavras da mesma família; analogia de sugestões, ou seja, equivalência entre os interpretantes, de modo a suscitar “as mesmas conseqüências ilativas”, conforme diz Eco; tudo isso ainda que a objetividade absoluta e a transparência total sejam impossíveis. Esse ideal deve ser, afinal, buscado – e a erudição do tradutor, nesse ponto, contam bastante: conhecimento “completo” e “ampla familiaridade” dos princípios, detalhes e história da terminologia em questão; conhecimento etimológico-morfológico suficiente (presumivelmente, não pouco) da língua; além de conhecimento semiótico. Tudo isso com o objetivo de determinar tão exatamente quanto possível os interpretantes na mente do leitor, reduzindo cada vez mais a vagueza dos termos e notações e possibilitando ao leitor que faça as próprias associações, dentro de certos limites contextuais.<sup>17</sup>

Peirce não acreditava que sua ética da terminologia fosse um ideal cujo primeiro lugar estivesse reservado ao “estilo literário”. Com efeito, sua intenção era “resgatar o bom navio Filosofia das mãos dos corsários sem lei do mar da literatura”<sup>18</sup>. Será possível a realização desse ideal? Esperamos ser possível ao menos aproximarmo-nos dele; nesse sentido, propomos a seguinte tradução da máxima pragmática:

*Considerem-se quais efeitos, que poderiam concebeivelmente ter conseqüências práticas, concebemos que tenha o objeto de nossa concepção. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto.*<sup>19</sup>

Um exemplo de como aplicar a máxima pragmática e a ética da terminologia imbuída de semiótica pode ser encontrado na tradução de “inquiry”. Com efeito, esse termo sempre foi problemático para os tradutores brasileiros, pois é preciso traduzir de forma que se preservasse a diferença com “investigation”. Em geral, despreza-se a diferença e ambas são traduzidas por “investigação”; a exceção fica com Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg, que utilizaram “perquirir” para “to inquiry” e “investigar” para “to investigate”.

Peirce usa mais constantemente “inquirir” e “inquirição” [*inquiry*] para definir e se referir à atividade científica, e menos “investigar” e “investigação” [*investigation*]. As duas palavras têm significações muito próximas, tanto em inglês quanto em português. Ambas partilham o sentido de buscar a verdade ou o conhecimento, fazer uma pesquisa minuciosa sobre algo ou algum assunto. A distinção só é justificável se recorrermos às origens etimológicas das palavras. A raiz latina de “inquirição” está no verbo *quaero*, cuja significação está relacionada a *procurar saber, perguntar, questionar...* “Investigação”,

<sup>17</sup> Lembremos que, para Peirce, uma das formas de reduzir a vagueza de um termo ou concepção é fazê-lo um termo ou concepção geral: um signo é vago quando não permite a redução de sua vagueza por algum outro signo; é geral quando dá a possibilidade de ulteriores determinações suas a outro signo. Infelizmente, as limitações deste trabalho impedem desenvolver essa idéia para uma teoria da tradução. Cf. EP 2: 350-351, *Issues of Pragmaticism*, 1905.

<sup>18</sup> EP 2: 352, *Issues of Pragmaticism*; essa é outra idéia que não poderemos desenvolver aqui. Cf. S. Haack, “Quanto àquela frase ‘estudando com um espírito literário...’”.

<sup>19</sup> Essa tradução foi publicada em De Waal, *op. cit.*, p. 41.

por sua vez, vem de *investigo*, isto é, seguir o rastro, seguir a pista ou os vestígios de algo, de onde vem o sentido de *procurar com cuidado*, *buscar*, e, por extensão, o sentido figurado de *descobrir*. As duas significações se entrecruzam, o significado etimológico ficando nebuloso no uso das palavras. Todavia, ainda que a sugestão de traduzir “inquiry” por “inquirição” pareça pedante a certas pessoas, ela nos parece mais conforme aos princípios gerais da ética da terminologia propostos por Peirce, já que, recuperando uma distinção de significado que está na etimologia da palavra, suscita nuances de significado que, de outra maneira, ficariam ocultos. O próprio Peirce marca a distinção da seguinte maneira:

Non podemos definir ciência como investigação, porque investigadores usualmente têm objetos ulteriores e avaliam a verdade somente como um meio para a aquisição deles. O homem científico é invariavelmente um homem que se tornou profundamente impressionado pela eficácia que observações minuciosas e completas têm em quebrar dentro dele todas as suas idéias mimadas e em construir, no lugar delas, uma série de idéias predestinadas de origens externas, que ele pode nomear a Verdade; e ele se tornou tão animado por uma devoção por esta Verdade que não há nada que ele não queira tão ardentemente fazer que não seja propalar essa operação. Ciência, então, pode ser definida como a atividade cujo fim último é eduzir a verdade por meio de observação atenta.<sup>20</sup> [HP II: 1122/1123, *How Did Science Originate?*, c. 1899]

Se o leitor pensará a mesma coisa como quando estivesse lendo o original, eis o teste definitivo que no uso dos termos deverá ser tentado, e ao qual está submetida a valiosa contribuição do professor Kinouchi; e ao qual, esperamos, também possam se submeter outras futuras traduções da obra de Peirce. Temos, aqui, um esboço de uma pragmática da tradução. Se ela atinge seus objetivos, fornecendo critérios para avaliar quais as melhores escolhas, só os interpretantes futuros dirão.

---

<sup>20</sup> Nossa tradução, cf. original: “We cannot define science as investigation, because investigators usually have some ulterior objects and value the truth only as a means to the attainment of them. The scientific man is invariably a man who has become deeply impressed with the efficacy of minute and thorough observations in breaking down within him all pet ideas of his own and in building up in place of them a series of predestinate ideas of external origins, that he may name the Truth; and he has become so animated by a worship of this Truth that there is nothing he is so eager to do as to further this operation. Science then may be defined as the business whose ultimate aim is to educe the truth by means of close observation.”

## Referências bibliográficas

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa* – Experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar; revisão técnica de Raffaella de Filippis Quental. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FISCH, Max H. A chronicle of pragmatism, 1865-1879. *In: Peirce, Semeiotic, and Pragmatism* – essays by Max H. Fisch. Ed. by Kenneth Laine Ketner and Christian J. Kloesel. Bloomington: Indiana University Press, 1986. p. 114-136.

\_\_\_\_\_. Philosophical clubs in Cambridge and Boston. *In: Op. supra cit.* p. 137-170.

\_\_\_\_\_. Was There a Metaphysical Club in Cambridge? *In: Studies in the Philosophy of Charles Sanders Peirce.* Ed. by Edward C. Moore and Richard S. Robin. Amherst: University of Massachusetts Press, 1964. p. 3-32.

HAACK, Susan. Quanto àquela frase “estudando com um espírito literário...”. *In: Pinto, Paulo Roberto M. et all.* (org.). *Filosofia analítica, pragmatismo e ciência.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 40-70.

HOOKEYWAY, Christopher. The pragmatist maxim and the proof of pragmatism. *In: Cognitio, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 25-42, 2005.*

IBRI, Ivo A. *Kósmos noçtós: A arquitetura metafísica de Charles S. Peirce.* São Paulo: Perspectiva; Hólon, 1992.

\_\_\_\_\_. Pragmatismo e técnica. *In: Hypnos, São Paulo, n. 4, p. 149-155, 1998.*

\_\_\_\_\_. As conseqüências de *conseqüências práticas* no pragmatismo de Peirce. *In: Cognitio, São Paulo, n. 1, p. 30-37, 2000.*

MENAND, Louis. *The Metaphysical Club* – A story of ideas in America. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce.* Ed. by: C. Hartshorne & P. Weiss (v. 1-6); A. Burks (v. 7-8). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58. 8 v. Citado como **CP**, seguido dos números do volume e do parágrafo.

\_\_\_\_\_. *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings.* Ed. by: N. Houser & C. Kloesel (v. 1: 1867-1893); *Peirce Edition Project* (v. 2: 1893-1913). Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1992-98. 2 v. Citado como **EP**, seguido dos números do volume e da página.

\_\_\_\_\_. *Historical Perspectives on Peirce's Logic of Science: a history of science.* Ed. by Carolyn Eisele. Berlin; New York; Amsterdam: Mouton Publishers, 1985, 1 v. em 2 tomos. Citado como **HP**, seguido dos números do volume e da página.

\_\_\_\_\_. *Writings of Charles Sanders Peirce: A Chronological Edition.* Ed. by *The Peirce Edition Project.* Bloomington; Indianapolis: Indiana University Press, 1982-2000. 6 v. Citado como **W**, seguido dos números do volume e da página.

\_\_\_\_\_. *Semiótica e filosofia*. Introdução, tradução e notas de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1975.

\_\_\_\_\_. *Semiótica*. Trad.: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

\_\_\_\_\_. *Escritos coligidos*. Seleção de Armando Mora D'Oliveira; Tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Volume duplo da coleção *Os Pensadores*, intitulado *Peirce/Frege*.

\_\_\_\_\_. *Antologia filosófica*. Prefácio, seleção, tradução e notas de António Machuco Rosa. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1998.

\_\_\_\_\_. Como tornar nossas idéias claras. Tradução de António Fidalgo. URL: [<http://bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-peirce-how-to-make.html>]. Acessado em 13/3/2008.

SANTAELLA, Maria Lúcia. Chaves do pragmatismo peirciano nas ciências normativas. *In: Cognitio*, São Paulo, n. 1, p. 94-101, 2000.

\_\_\_\_\_. *O método anticartesiano de C.S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SHOOK, John. The Metaphysical Club. URL: [[http://www.pragmatism.org/history/metaphysical\\_club.html](http://www.pragmatism.org/history/metaphysical_club.html)]. Acessado em 13/3/2008.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

De WAAL, Cornelis. *Sobre pragmatismo*. Trad.: Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

### **Endereço/Address**

Cassiano Terra Rodrigues  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP  
Faculdade de Comunicação e Filosofia  
Rua Monte Alegre, 984  
Perdizes – São Paulo – SP  
CEP 05014-901  
Fax: (55+11) 3670-8530